

# O Coronel e a Cultura

Rubem Braga

ÊSSE coronel Darcy Lázaro, que assumiu o comando da Polícia Militar da Guanabara, não foi saudado com a devida reverência pela imprensa carioca. Noticiou-se que ele veio do comando do Batalhão de Guardas Presidencial; e pouca gente se lembrou de que ele é o grande artifice de uma das principais proezas da Revolução: a destruição da Universidade de Brasília.

Ninguém poderá negar crédito pela façanha a outras figuras, como o ministro Suplicy de Lacerda e o reitor Laerte Ramos de Carvalho.

O primeiro, talvez para fazer esquecer as homenagens que até março de 1964 prestava ao professor Darcy Ribeiro, tratou de destruir a obra deste. Vai o sr. Suplicy ser afastado agora; e como foi o mais negativo de todos os ministros da Educação de que há notícia, será nomeado embaixador. Mais uma vez o Itamarati funciona como um débarras da política interna.

Mas nem o ministro Suplicy nem o reitor Laerte teriam força para acabar com a Universidade. A própria superioridade cultural dos professores, cientistas, artistas e pesquisadores que se juntaram em Brasília os intimidava. O reitor Zeferino Vaz mostrou que era possível salvar a Universidade no que ela tinha de mais importante, sacrificando alguns mestres à furia dos caçadores de feiticeiras, mas permitindo que os outros trabalhassem com dignidade.

O prestígio dos mestres de Brasília atraira, com uma quantidade e uma variedade nunca vistas no Brasil, a ajuda material e cultural de fundações, instituições e governos estrangeiros. Os melhores valores de nossa cultura deixavam a vida agradável dos centros tradicionais do país, quando não empregos muito bem remunerados em instituições estrangeiras, para criar, pela primeira vez no Brasil, um centro de estudos e de pesquisas que incorporava a melhor experiência das universidades norte-americanas.

A Universidade era, na verdade, a só coisa que justificava Brasília; era, ainda em formação, a só coisa no Brasil que prometia ser uma verdadeira Universidade. Todos ali trabalhavam em regime de tempo integral, com a alegria, a mística maravilhosa de criar, através de acertos e desacertos, de tentativas e experiências, algo de diferente e de superior em nosso mundo cultural.

O reitor Laerte sentia-se embaraçado e impotente, até que recebeu a ajuda (ou a chefia) do cel. Darcy Lázaro. A intervenção do coronel na Universidade não foi apenas a intervenção da força bruta. Ele tomou gosto pela tarefa, instalou-se como um super-reitor, pregando o evangelho da Revolução, intrigando, doutrinando, acabrunhando e massacrando todos pela sua facilidade de falar horas e horas, ao mesmo tempo que dava ordens de demissão e de prisão. Intervenção de parlamentares, magistrados, até figuras de proa do governo, até chefes militares que conheciam a Universidade através dos depoimentos de seus filhos, e tentavam salvá-la, nada pôde deter a atuação do cel. Lázaro: ele cumpriu sua missão. A Universidade já está destruída; mesmo o simulacro que se instalará em seu lugar no próximo ano está difícil de arrumar, pois em todo o Brasil os professores de algum nível intelectual e moral se negam a ir para lá. Suplicy baixou a ordem odiosa de que outras Universidades não aceitem transferências de alunos de Brasília. Quer punir os jovens, achando que não basta o que já fez. Mas o cel. Lázaro agora vai doutrinar nossos bons megalómanos.

«Não me importo que esse negócio de cultura pare durante 20, 30 anos, até que no Brasil as pessoas se acostumem com a disciplina». — esta é uma das brilhantes declarações do cel. Lázaro, em conversa com professores. E isto define um homem, e o regime em que ele pôde surgir e brilhar.

DN - 29. 12. 65